

DESNUDO-ME NO REFLEXO DO MEU EXISTIR: trajetividade de uma pesquisadora

Marilene dos Santos Queiroz
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do
Estado da Bahia. Bolsista FAPESB.
mary-queiroz@hotmail.com

Dr^a Zuleide Paiva da Silva (orientadora)
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado
da Bahia
eidepaivasilva@gmail.com

Simpósio Temático nº 21 – GÊNERO, RAÇA/ETNIA, SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOENTE

Resumo:

Este trabalho trata-se de um memorial formativo, um recorte de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade- MPED da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus XIV, objetivando refletir a trajetividade e implicações com as temáticas de estudo. Compartilho minhas experiências e formações com foco nos percursos acadêmico que me constituem enquanto pessoa, pesquisadora e profissional, refletindo os ventos que conduziram meus ensaios de estudos com enfoque em gênero, raça/etnia, sexualidade e territorialidade, assim como as mudanças de rota na pesquisa, ampliando o olhar para se pensar nas maternidades/maternagens e formação no âmbito educacional. Para tal, dialogo com Anzaldúa (2000), Evaristo (2021), Hooks (2013), Lorde (2019), Klein (2021), entre outras autoras. Diante daquilo que me move, “sobre o que nos move” em sintonia com Conceição Evaristo me inspiro nas escrituras enquanto procedimento metodológico para esta tecitura, refletindo um caminhar permeado por um eu coletivo que (re) existe a partir/com as redes solidificadas na trajetória.

Palavras-chave: Memorial. Trajetividade formativa. Educação.

Abstract:

This work is a formative memorial, an excerpt of an ongoing research, developed in the Professional Master's Degree in Education and Diversity - MPED, at the State University of Bahia-UNEB/Campus XIV. It aims to reflect the trajectory and implications with the themes of study. I share my experiences and training with a focus on the academic paths that constitute me as a person, researcher and professional, reflecting the winds that led my study essays focusing on gender, race/ethnicity, sexuality and territoriality, as well as changes in research paths, expanding the view to think about maternity/maternity hospitals and training in the educational sphere. To this end, I dialogue with Anzaldúa (2000), Evaristo (2021), Hooks (2013), Lorde (2019), Klein (2021), among other authors.



Given what moves me, "about what moves us", in tune with Conceição Evaristo, I am inspired by the writings as a methodological procedure for this weaving, reflecting a walk permeated by a collective self that (re)exists from/with the networks solidified in the trajectory.

Keywords: Memorial. Formative trajectory. Education.

Introdução:

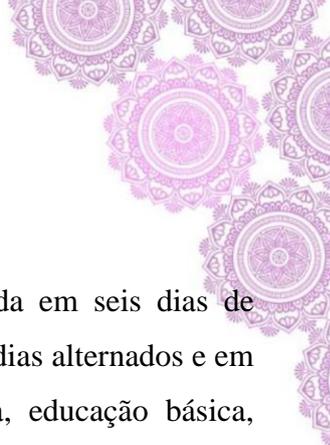
A incumbência de tecer este memorial revelou um grande desafio: o da escrita. “Nos convencem que devemos cultivar a arte pela arte. Reverenciarmos o touro sagrado, a forma. Colocarmos molduras e metamolduras ao redor dos escritos” (ANZALDUA, 2000). Fazermos decalques. Esta, se configura como uma estratégia perversa de nos invisibilizar e criar ausências. Ausências nos espaços, nas produções acadêmicas e conseqüentemente no fazer ciência.

Não nos ensinaram a escrever. A escrita ela é orgânica, corporificada, nasce no pulsar da vida, de corpos que (re) existem expressando os sentimentos e sentidos. Poderíamos dizer então que este caminho é fácil? Não! Diria que, exige uma imersão em si e com o outro, em rede. “Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla” (ANZALDUA, 2000).

Atenho-me aqui a tecitura de um memorial. A escrita de um memorial formativo, para além de propiciar uma reflexão, desnuda subjetividades, existências, experiências, corpos vivificados nos contextos educacionais. Revela uma escrita em primeira pessoa, permeada por presenças, por um eu-coletivo que solidifica as itinerâncias, as redes, as formações e por conseguinte nossas práticas. Uma escrita que parte de uma vivencia compartilhada, de uma existência que só se faz possível com o/a outro/a e assim metodologicamente me inspiro nas escrevivências de Conceição Evaristo

Escrevo, especificamente, no fim do primeiro semestre do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia – MPED/UNEB, objetivando refletir a trajetividade e implicações com as temáticas de pesquisa. Para tal, dialogo com Gloria Anzaldúa (2000), Conceição Evaristo (2020), Beel Hooks (2013), Audre Lorde (2019), Carin Klein (2021), entre outras autoras que possibilitaram a reflexão formativa destas andanças.

Redigo está escrita em formato de carta, com o desejo de revelar uma escrita em movimento, atravessada que compartilhe minhas experiências e formações com foco nos percursos acadêmico que me constituem enquanto pessoa, pesquisadora e profissional, refletindo os ventos que conduziram meus ensaios de estudos com enfoque em gênero, raça/etnia, sexualidade e territorialidade, assim como as mudanças de rota na pesquisa, ampliando o olhar para pensar nas maternidades/maternagens



e formação no âmbito educacional.

A carta-memorial formativo que apresento a seguir, está desmembrada em seis dias de produção que se dividem em datas, as quais emergiram a escrita. Elaborada em dias alternados e em movimento, segue uma reflexividade que emerge das andanças da infância, educação básica, educação superior e no entrelaçar da vida-formação.

Trajetividade de uma mãe pesquisadora: carta-memorial formativo

*O anoitecer se aproxima, em contato com o invisível,
desnudo-me no reflexo do meu existir.
Mergulho no mais profundo do nosso íntimo e renasço.
As forças que habitam minhas noites, celebram nossas vidas.
(QUEIROZ, 2021)*

06 de agosto de 2020

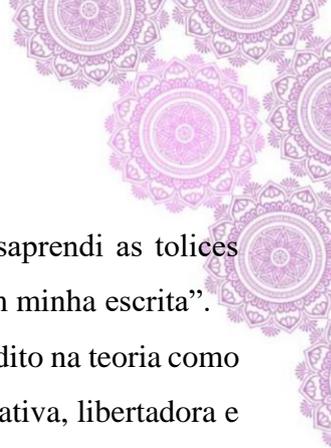
Olá, espero encontra-las e encontra-los bem.

Sento-me sobre a esteira lançada ao chão, no varandado da casa da minha vó. Ao sentir a presença dos pássaros a cantar, reconecto com o íntimo do meu ser. Fixo o olhar na direção dos seus voos, vislumbrando uma melodia que ensaia o traçar desta escrita.

Venho ao encontro de vocês de um lugar afetuoso, localizado no interior da Bahia. Este, que por sua vez, carrego com muito orgulho em minhas andanças. Sou filha do massapê, do riacho e do sisal, cria de avós. Estamos no inverno, são exatamente 17:00h e o pôr do sol já se aproxima quando ousou pela quinta vez redesenhar está escrita. Através dos reflexos solares, sinto a brisa do entardecer tocarem as folhas do calumbi¹, que em poesia se conectam com os nossos existir. Eu amo dias como este!

Será que é assim que começa a escrita de um memorial? E lá vou eu com meu sentimento de passar a borracha em tudo novamente. Levanto, vou até meu bebê, procuro algo pra comer, miro no tempo e então volto a rabiscar uns escritos. Esse é meu subconsciente criando estratégias e

¹O calumbi ou jurema-branca é uma árvore de porte médio que ocorre em solos arenosos e em locais abertos. Seu tronco é acinzentado, possui ramos com espinhos esparsos e copa bem aberta que durante a estação seca encontra-se completamente sem folhas. Disponível em: https://www.deolhonaagua.org.br/wp-content/uploads/De_Olho_Na_Agua_Livro_Guia_de_Plantas_reimpressao.pdf



compartilhando do que Anzaldúa (1981) nos diz em sua carta: “ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita”.

A escrita é o meu refúgio e assim como Hooks (2013) nos ensina, eu acredito na teoria como lugar de cura, e endosso a luz de sua reflexão, “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre esta função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para este fim”. Este ato de escrever dói, mas nos liberta. A luz do candeeiro² escrevia meu diário, minhas cartinhas e rabiscava pequenos poemas, buscando confortar e problematizar as ausências e inquietações do meu existir. À medida em que avançava na formação básica, essa escrita foi ficando para trás. É, sabe aquele distanciamento entre formação escolar e vida? Também acontece na escrita.

Hoje, ao dialogar com Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzales, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Iris Verena, mulheres que subvertem as convenções acadêmicas de um fazer ciência marcado pelo protagonismo masculino, branco, cis heteronormativo, compreendo o processo de invisibilização e desautorização ao quais fomos e somos submetidas, sendo o “nosso tempo especialista em criar ausências”. Ausências do nosso próprio existir (KRENAK, 2020).

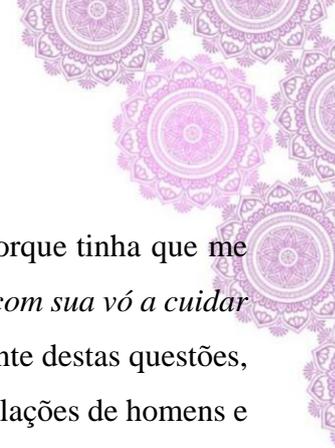
É nesse tecer em rede que venho buscando maneiras de (re) existir dentro dos espaços, ensaiando produzir fissuras com/para outras. Vem comigo? Quando tiverem um tempinho leiam estas autoras, garanto, não vai se arrepender. E por falar em tempo, hoje precisarei parar por aqui, já ouço meu bebe a chorar.

07 de agosto de 2021

O dia amanheceu chuvoso. Sentei-me na cama e calcei minhas meias, os pés é onde sinto mais frio. Hoje escreverei aqui, aquecida pelo cobertor. E assim, em sintonia com o desafio da escrita, compartilho minhas experiências e formações com foco nos percursos acadêmico que me constituem enquanto pessoa, pesquisadora e profissional, refletindo os ventos que conduziram meus ensaios de estudos com enfoque em gênero, raça/etnia, sexualidade e territorialidade, questões estas problematizadas na minha Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizada na cidade de Teofilândia, a qual, busquei compreender os processos de empoderamento de Gestoras Educacionais da/na área rural.

Desde muito cedo meus comportamentos e brincadeiras eram questionados. Não

² Candeeiro é a lamparina, artefato antiquíssimo composta sobre duas partes simples. Disponível em: <https://www.analiseagora.com/2015/08/candeeiro-utensilio-antigomas-ainda.html>. Durante um período utilizamos candeeiro, pois nossa casa situava em um espaço isolado e distante da rede elétrica principal.



compreendia porque tinha que usar rosa, porque não podia brincar de bola, e porque tinha que me relacionar com um homem bem sucedido e de família. Dizia meu avô: *aprenda com sua vó a cuidar da casa, para ser uma boa moça e arranjar um marido de boas condições*. Diante destas questões, diálogo com Louro (2014) evidenciado: “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 2014), problematizando inclusive os marcadores sociais que atravessam as questões de gênero, intensificando as relações de poder e as discriminações sociais.

Criada por uma Lavradora e um Resideiro de Sisal³, a escola chegou tardiamente até a mim. “Estudar é coisa de menino da rua”, dizia minha avó. Sabiamente e nas entrelinhas do seu pensar, ela já previa as condições de permanência, quando a necessidade maior era a comida no prato das(os) filhos(as), e as discriminações que uma menina advinda da roça enfrentaria quando o seu corpo se fizesse presente naquele âmbito educacional da cidade.

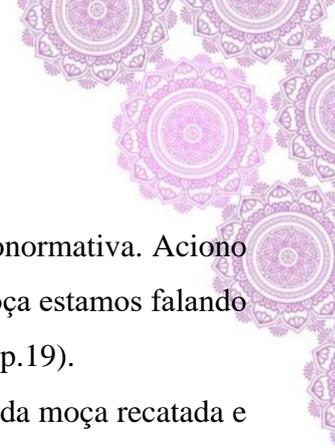
Dizer dos atravessamentos vivenciados no trilhar da educação básica é rememorar a vida, é como reviver o não cicatrizado. Deixo aqui este ressignificar para um outro momento, compreendendo a necessidade de “conhecer-me inteira, saber da minha solidão de existir sozinha para perceber, e compreender, a existência do “outro” que me define e que eu quero que me reconheça” (SILVA, 2017). Hoje ficarei por aqui, a mudança de tempo me deixou adoecida e sem disposição, mas breve estarei de volta.

10 de agosto de 2020

Mais um dia se inicia. Estes dias tem sido tensos, mau dormir a noite com meu filho adoecido, ele também adoeceu. As demandas do mestrado estão atrasadas. Minha vó diz que não sei cuidar de criança. Respiro fundo...É, ela tem razão, e isso só confirma que cuidar não é um dom feminino, é um ato, e qualquer um/uma pode aprender.

Tomo um café para espertar o sono e retomo aqui os escritos dos dizeres das minhas andanças. Alguns anos se passam e através do Programa Universidade na Comunidade – UNICOM, minha aprovação em uma universidade pública, é realizada, tornando-se motivo de orgulho e críticas na comunidade. A menina e mulher da roça adentra à universidade e começa a alinhar timidamente

³ O resideiro trabalha no campo de sisal. Possui múltiplas funções: fornece as folhas transportadas para o cevador, retira os resíduos acumulados abaixo da “boca” do motor, além de ficar responsável pela pesagem da fibra verde. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 10 n. 20 – UFGD – Dourados, jul/dez – 2016



a subversão das convenções de gênero e práticas hegemônicas branca cis heteronormativa. Aciono a categoria roça dialogando com Xavier (2017) e defendendo que “ao falar da roça estamos falando em ruralidades enquanto construção social, histórica e plural” (XAVIER, 2017, p.19).

Ao nascermos mulheres somos culturalmente induzidas a representação da moça recatada e do lar. Construto social de um patriarcalismo que segundo Costa (2000), se alimenta do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril).

E não sendo diferente comigo, chego ao ambiente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XI, casada e cheia de inquietações. Embora não soubesse como nomear, naquele momento já sentia a necessidade de adentrar na tecitura das questões de gênero. É por volta dos anos de 2013 que inicio minha jornada no curso de Pedagogia. Cumpria-se a labuta do chegar à universidade e iniciava o desafio da permanência. Desconfortos acadêmicos, pressão familiar e condições financeiras foram alguns dos dilemas que perpassaram meu caminhar.

As idas e vindas do percurso acadêmico foram permitidas pelo Programa Caminho da Escola. Esta é a realidade da maioria das/os estudantes da Universidade do Estado da Bahia- UNEB Campus XI, presente no território de Identidade Sisal, responsável por realizar os sonhos de muitos/as que se deslocam de outras cidades na busca por formação. Sou amante da universidade pública e defendo a UNEB por acreditar no seu potencial.

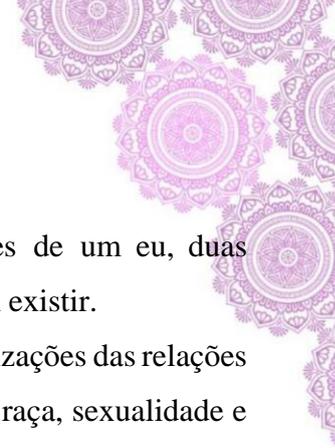
É, hoje tá difícil. Fiz uma pausa para uma das aulas e várias outras pausas para os afazeres da maternidade. Sinto que preciso descansar para revigorar as forças.

12 de agosto de 2021

São quatorze horas de uma tarde de quinta-feira. O céu se encontra ensolarado. Através da janela sinto sua presença adentrar o recinto, inspirando mais um dia de escrita a luz da continuidade de minha trajetória no espaço acadêmico.

Quando iniciei minha trajetória formativa, não tinha dimensão das metamorfoses que estavam a me esperar. A princípio senti-me deslocada, era aquela menina do cantinho da sala, tímida e recolhida em si, ou na ausência de si. O pertencimento a aquele espaço acadêmico foi sendo construído após minha inserção no Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas especificamente na linha Identidades, Cultura e Corporeidade. A rede de apoio e reflexões proporcionadas pelo grupo nos fortalecia. Fui desenvolvendo a autonomia e o protagonismo que faltava para assumir o traçar da minha vida.

A universidade passou a ser meu espaço de fuga. “Fugir para sonhar e inserir-se para



modificar” (EVARISTO, 2021). Existia nesse momento duas representações de um eu, duas realidades. A moça recatada e do lar e a mulher que se redesenhava ensaiando um existir.

Desde então, meus estudos enveredados pelas compreensões e problematizações das relações de gênero se iniciam e vão sendo ampliados através das lentes da intersecção de raça, sexualidade e demais marcadores que atravessam nossas vidas. Me assumindo enquanto feminista que acredita na produção de fissuras por um fazer pedagógico antirracista, antissexista, antilgbtfobicas e que desestruture qualquer tipo de discriminação baseadas em relações de poder eurocêntricas e hegemônicas.

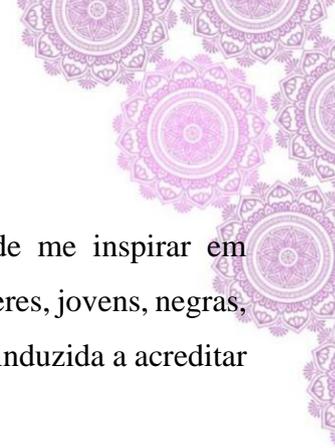
Começo a compreender o papel sinequanon da universidade na vida de uma sociedade, com potencial para interferir em um projeto de país, e início a jornada de viver a universidade, produzindo brechas com parceiras(os) da comunidade interna e externa. O processo de descobertas para o mundo e o conhecimento permitiu mudanças. Neste momento precisei tomar uma das maiores decisões da minha vida, a separação. Aquele casamento seguindo costumes e valores familiares revelou-se em um relacionamento abusivo envolto por violência psicológica, moral, patrimonial, sexual.

Foi fácil? Não! É nadar contra a maré sem a certeza de estar viva no dia seguinte. Sozinhas, não é possível. Sem apoio e acolhimento de familiares, deixei a roça e fui para cidade. E foi na Residência Universitária de Serrinha (RUES), que encontrei a rede de apoio necessária para permanecer. O afeto me salvou, nos salva!

Este foi o espaço de formação e vivências fortalecidas que ressignificaram meus fazeres. Um verdadeiro vendaval acontece em minha vida, literalmente. Adentro ao Movimento Estudantil - ME, no Diretório Acadêmico de Pedagogia (DA) e coletivamente com outras(os) estudantes do Campus XI damos continuidade ao projeto de luta por uma universidade pública e de qualidade, sem perder de vistas as discussões e enfrentamento para com as questões de gênero, raça, sexualidade e etc.

Em diálogo com a comunidade acadêmica, movimentos sociais, coletivo de mulheres, coletivo LGBTQIA+, estudantes de outros campis e instituições, realizávamos intervenções de diversas ordens. É possível estar na universidade e não ultrapassar os muros da sala de aula? Sinceramente, não consigo mensurar em palavras o significado potente e transformador destas redes, apenas sinto e ao sentir transbordo o meu ser.

Minha trajetória foi marcada e possibilitada pela inserção em bolsas. Perpassei por monitoria de ensino em Antropologia e Educação, monitoria de extensão no Projeto Imagens do Sisal e no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As quais possibilitaram as várias nuances da atuação pedagógica.



Não tive referência de mulheres docentes advinda/da roça, mas pude me inspirar em professoras que subverteram e ocuparam estes espaços. Fico encantada com mulheres, jovens, negras, vindas de famílias humildes, atuando nestes ambientes acadêmicos. Sempre fui induzida a acreditar que não era possível, ou não tinha potencial.

Ao descrever resumidamente esta presença nestes espaços políticos formativos, intento, reafirmar a relevância destas redes na solidificação de um eu-coletivo, na produção de pequenas mais significativas mudanças sociais reverberando nos processos de empoderamentos e na formação profissional de um fazer pedagógico que valorize as especificidades presentes no âmbito educacional.

14 de agosto de 2021

Sento-me a cadeira da sala. Tento deixa-la mais confortável colocando dois travesseiros. Não é um lugar muito estratégico mais o único que é possível no momento. Sempre tem alguém transitando. Minha vó para, olha, bate na minha cabeça e vai. Ah, sabe aquele cantinho que sempre tem a nossa cara? Um dos meus objetivos futuros. Enquanto isso, sigo tecendo minhas memórias de anseios e percurso no mestrado.

Amadurecendo a perspectiva da docência inicia o desejo em adentrar ao Mestrado Profissional em Educação para a solidificação enquanto pesquisadora e profissional. Concluo a graduação em 2017 cheia de expectativas e medos. A corrida se dava pelo emprego e a sobrevivência, em um contexto político nada favorável. No ano seguinte adentro ao ensino fundamental enquanto professora substituta e realizo minha especialização em Docência do Ensino Superior.

Almejando o sonho do mestrado, curso duas disciplinas (Pedagogias Feministas e Gênero, Etnia e Práticas Escolar) enquanto aluna especial no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED Campus XIV. Este foi meu passaporte para conhecer o programa e escrever meu anteprojeto. Mal sabia que estava a um passo da tempestade que assolou todo o Brasil e mundo, a Covid 19⁴, responsável pela passagem/morte de mais de 550.000 brasileiros(as). Mas não é só ele que mata não, é sobretudo, à omissão deliberada do governo no combate à sua disseminação e no cuidado da saúde das pessoas. Um verdadeiro atentado contra os/as nossos/as!

Adentramos ao universo da quarentena e com ela me deparei com desemprego, gravidez,

⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

ansiedade, Paralisia de Bel⁵. “Não nos foi possível escolher trilhar, não nos foi possível nos preparar e planejar para toda essa tecitura que se desenharia de forma complexa e tensionada” (FARIA; CELLESTINO; TRINDADE, 2020). Os abraços tão caros para mim, já não mais acontecia. O isolamento social, embora fosse necessário, desestruturou meu ser e mim reconectou.

Envolvida pela necessidade, retomo as minhas origens voltando para a roça, especificamente a casa da minha vó. Foi como reviver um filme de um passado tão presente e desta vez com a perspectiva de aceitação, afinal, para o conservadorismo, carregar um filho no ventre nos fazem mais mulheres, aliás mães de família.

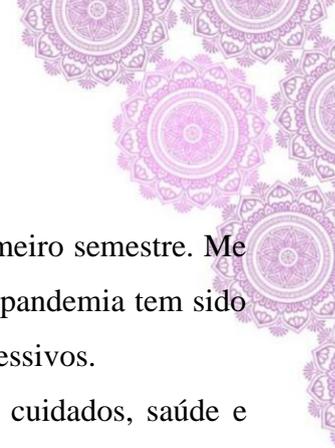
O exercício da maternidade, socialmente naturalizado e destinado a mulher, não fazia parte dos meus planos. Porém, assim como alguns percursos acidentais nos constituem, este chega a minha vida carregado de atravessamentos e amores. Sendo, neste contexto totalmente atípico, que o MPED-UNEB Campus XIV, retoma remotamente a seleção para discentes regulares. A Mary Queiroz, que inicia o processo seletivo, finaliza não sendo mais a mesma.

Sem perspectiva do futuro, reescrevo o pré-projeto grávida, sendo questionada das condições de realizar um mestrado com um bebê. O peso da responsabilidade que recai sobre as mães e as conduzem para a desistências dos seus sonhos, tronou-se uma reflexão constantes. O que está por trás deste universo materno que naturaliza a mulher abrir mão de sua formação ou profissão para dedicação exclusiva ao bebe? Confesso, pensei em desistir, mas o sonho me movia.

Defendo um anteprojeto recém parida, sendo mais especifica, com cinco dias da cesariana. Já me preparava para dar mama em meio a defesa, mas ele (meu filho), que parecia sentir a dimensão da importância daquele momento para sua mãe, se manteve quietinho, a prestigiar. E para minha surpresa vem a aprovação e com ela a incerteza de permanência no programa.

Sem emprego e com um bebê, a responsabilidade mais uma vez batia na porta. Dois fatores aqui influenciaram positivamente para o trilhar dessa nova jornada: o ensino remoto e a aprovação enquanto bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Minha permanência no Programa só está sendo permitida a partir da concessão desta bolsa. É então, através das telinhas, enquanto mãe pedagoga e pesquisadora, que mergulho no semestre com um recém-nascido.

⁵ A paralisia de Bell é uma condição em que a pessoa sofre uma paralisia de um dos lados do rosto. Essa é uma condição relativamente rara, que também pode ser chamada de paralisia facial periférica. Mais informações em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/paralisia-de-bell>



A compreensão foi o ato e a palavra chave para minha travessia no primeiro semestre. Me tornei a louca da prorrogação de prazos. A maternidade, a paralisia de Bel e a pandemia tem sido fatores presentes nesse trilhar. Há alguns meses que estou sob o uso de antidepressivos.

Foram e estão sendo dias desafiadores. Resguardo, privação de sono, cuidados, saúde e alimentação do bebe, tudo é atribuído e destinado a mãe de maneira naturalizada e romantizada. Em um daqueles dias mais agitados, com prazos para entrega de produção acadêmica, ouço minha vó a dizer *“menina vem cuidar do teu filho, nunca vi uma mãe tão desleixada. Quando um filho nasce, morre uma mulher e nasce uma mãe.* Minha luta diária em casa é pela compreensão das várias existências que vivem em mim. Estas mulheres existem, são reais e transbordam sonhos antes mesmo de tornar-se mães.

Começo então a visualizar a necessidade de participar de um grupo de mulheres que experienciam as maternidades em seus processos formativos, por sentir a ausência de uma rede de apoio, assim como, um espaço que se olhe e reflita este lugar como questões coletivas. E se partisse de mim a criação de uma rede?

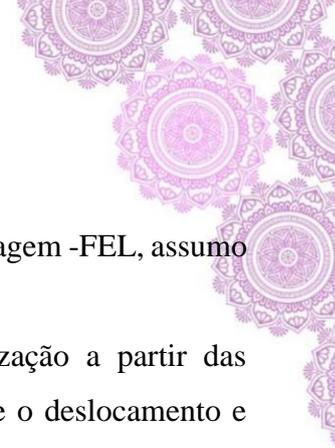
15 de agosto de 2021

O dia amanhece. Um domingo comum, como qualquer outro dia de isolamento social. Procuo um lugar silencioso e tranquilo. Tentativa em vão. Às vezes é bom ficar sozinha né? Reconnectar consigo. Faz tempo que não sinto este sabor da solidude.

Tento continuar a escrita, mas ela trava. Sabe aqueles dias em que nada flui? Então. Levanto, converso com minhas plantas e decido ouvir Luedji Luna. Uma boa música sempre inspira minha escrita. *“O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia”* (AZAUDÚA, 1981). É com estas palavras da nossa querida Glória que continuo o traçar deste caminhar no mestrado.

Adentro ao programa, objetivando sob a lente das pedagogias feministas na perspectiva das questões de gênero, raça, sexualidade e territorialidade, fazer pesquisa no diálogo com mulheres do rap, do território do Sisal. No trilhar do primeiro semestre, envolvida e tocada pelas discussões provocadas no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade – MPED Campus XIV, outras preocupações para além das iniciais surgem instigando inquietudes e angustias que alteram a rota do processo de pesquisa.

Um diluvio começou dentro de mim. A escrita trava e a angustia aumenta. As convenções acadêmicas me direcionaram a criar meus monstros e silenciar. Inspirada pelas problematizações e produção de fissuras do componente Curricular Docência e Diversidade, pela rede dos grupos de



pesquisa Currículo, Escrivivências e Diferença e Formação Experiência e Linguagem -FEL, assumo as novas águas que percorrem meu caminhar.

Movida pelo desejo que se instaurava de escrever e produzir teorização a partir das experiências, problematizando o real, assumo no final deste primeiro semestre o deslocamento e arrisco um novo ensaio de pesquisa, envolvido pelas mesmas lentes de análise, mencionadas anteriormente, as quais atravessam meu percurso.

Diante daquilo que me move, “sobre o que nos move” em sintonia com Conceição Evaristo, ousou pesquisar e produzir com mães estudantes da graduação da área da educação, do Território de Identidade do Sisal, sobre os atravessamentos das maternidades/maternagens nas trajetórias formativas.

Trago maternidades no plural em uma perspectiva de análise para além da conceituação de gênero compreendendo as “conflitualidades e ambivalências como forças inerentes aos processos culturais que as constituem e distinguem” (KLEIN, 2021), levando em consideração os marcadores que as atravessam.

A problematização da concepção, socialmente construída de maternidade, iniciou de forma direta, na gestação, ao ouvir as falas “*quando um filho nasce, morre uma mulher e nasce uma mãe*”, “*Agora que você é mãe não pode mais se relacionar com mulher*”, “*Vai ter que deixar os estudos para cuidar do filho*”. Existe um modelo de ser mãe, estabelecido pelas convenções de gênero, que não me cabe.

Lorde, em um de seus escritos me disse, “eu trabalho em prol de um tempo em que mulheres com mulheres, mulheres com homens e homens com homens compartilharão o trabalho num mundo que não nos faça trocar o pão, nem a identidade pela obediência, nem a beleza, nem o amor” (LORDE, 2019, p. 98), e eu compartilho dos mesmos sentimentos e luta.

As inquietações iniciais, só aumentaram, após minha inserção no mestrado. Algumas falas de colegas, em aulas e encontros, demonstravam os desafios de estudar, fazer pesquisa, trabalhar, dar conta da casa e cuidar dos filhos em um contexto pandêmico de atividades remotas, se aproximando da minha realidade. No entanto, sinto uma naturalização na maternidade que me incomoda. Não se aborda como questões coletiva.

São nas noites em claro, no balanço do ninar o bebe que surgem várias questões movendo este ensaio de pesquisa. O que é ser mulher? E ser mãe? Quais são as mães que precisam assumir esta jornada tripla? Quem é responsável por cuidar, educar e criar um filho/a? Qual o peso desta responsabilidade no percurso formativo? Como estas educadoras em formação, ao refletir suas



maternidades, podem produzir fissuras em uma cultura hegemônica, eurocêntrica, patriarcal, racista e heteronormativa através de suas práticas pedagógicas? São algumas delas.

No momento estou finalizando o primeiro semestre, rabiscando ideias na construção do novo projeto de pesquisa. Em sintonia com esta construção, tentando criar um grupo de mães com as participantes para que se torne um lugar de apoio e ao mesmo tempo formativo. Desenvolvendo um processo de olhar para estas mulheres mãe e acolher suas narrativas e neste movimento olhar para si. Na sintonia do “escrever” como nossa querida Conceição Evaristo nos ensina.

Ademais, visualizo a troca de experiência que esta rede pode proporcionar como relevante para a compreensão das maternidades em seu aspecto polissêmico, inacabado e conflitivo, de modo que, possibilite seguir na contramão de proposições e prescrições educativas homogeneizadoras. Além de ser um espaço importante para nossas re(existências) em cenários complexos.

Em tempos difíceis e ameaçadores, os quais vivemos hoje, que ceifam nossas vidas a cada minuto como se fosse um jogo de roleta russa, onde a arma somente esta apontada para as “minorias”, é necessário resgatar nossos exus e reinventar a partir das travessuras, afinal de conta, sabemos quais corpos estão à margem.

Finalizo aqui o que há de ser contínuo com a expressão de Anzaldúa quando diz: “Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento” (ANZALDÚA, 1981).

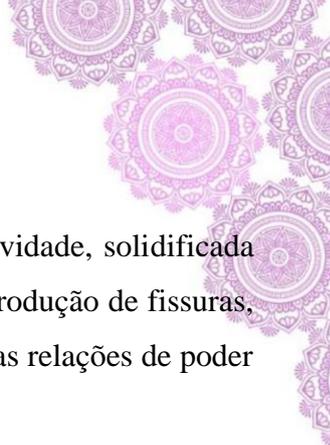
Me seja renascer após o caos, um abraço afetuoso. “Axé Muntu”!

Abrindo caminhos

Escrever sempre foi, para mim, um refúgio. Uma possibilidade de reestruturação de corpos e ideias, de enfrentamentos e descobertas.

A escrita deste memorial formativo, possibilitou um processo de narrar e de escutar a si e ao outro(a), fortalecendo a constituição de uma identidade de pesquisadora e educadora em formação, imersa em um contexto pandêmico e desafiador que tem exigido uma ressignificação da dimensão existencial.

Ademais, permitiu tecer reflexões críticas e uma tomada de consciência dos acontecimentos e espaços, que ao longo da vida contribuíram como formadores permitindo compreender, respeitar processos e repensar práticas, sobretudo no campo da educação.



Visualizo o lugar de importância das redes e coletivos em minha trajetividade, solidificada por um (re) existir com outras, materializando-se nas intenções de estudos, na produção de fissuras, em movimento, por acreditar na educação como potência para o confronto com as relações de poder sexistas, racistas e lgbtfóbicas.

Muitas serão as águas que percorrerão os próximos caminhos da pesquisa, da formação e atuação profissional. Rememorar o passado, embora seja desafiador, possibilita ressignificar o presente na projeção por práticas educativas horizontais que valorize as diferenças e suas potencialidades de saberes.

Referências:

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). **Escrevivência: a escrita de nós**, 2021.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, 2000

FARIA, D. T. B; CELLESTINO, J.M.C; TRINDADE, R.A.C; SOUSA, R.D. Vidaformação e temporalidade de mulheres na pandemia. In: **Reflexões de um mundo em pandemia (livro eletrônico): educação, comunicação, acessibilidade**. Organizadores Tania Chalhube, Tiago da Silva Ribeiro. Rio de Janeiro: Ayvo, 2020. 614 p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KLEIN, Carin. **Maternidades em contextos educativos do PIM/RS**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Editora: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, Audre. O filho homem: reflexões de uma lesbica negra feminista; In: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Vozes. 2014

QUEIROZ, Marilene dos Santos. **Poema**. Teofiândia – BA, 2021.

SILVA, Zuleide Paiva da. Pensamento político das lésbicas: nossos movimentos. In: **“Sapatão não é bagunça”**: estudo das organizações lésbicas da Bahia. Salvador, 2017.